

A RECEPÇÃO E A DIFUSÃO DA ARQUITETURA E URBANISMO MODERNOS BRASILEIROS NA PLENA AMPLITUDE DE SUA ABORDAGEM

OLHANDO AS ESQUINAS – A APROPRIAÇÃO E OCUPAÇÃO DESTE ELEMENTO NA ÁREA CENTRAL DE UBERLÂNDIA/ MG

Patricia Pimenta Azevedo Ribeiro

FAUeD/ PPGAU/ UFU, Bloco I, Campus Santa Mônica, Uberlândia, Brasil, pparibeiro@ufu.br

Ana Paula Maciel Peixoto

Ministério das Cidades, Brasília, Brasil, ap.maciел.arq@gmail.com

RESUMO

Da antiga vila que a originou, a cidade de Uberlândia – situada no Triângulo Mineiro – mantém em seu cenário obras ecléticas, **modernas** e contemporâneas, configurando uma paisagem urbana diversificada. Estes exemplares da história da arquitetura estão implantados na malha urbana em suas distintas situações, no centro dos quarteirões ou nas esquinas. As esquinas possuem características de junção, permitem uma maior percepção do espaço pela abertura do ângulo visual, proporcionando também um local de encontro da população. Podemos, portanto, entender as esquinas como um referencial dentro do meio urbano e atuando de forma direta na apreensão da cidade por seus habitantes. Assim, este trabalho se preocupa com o diagnóstico, documentação e análise das transformações e mutações da paisagem urbana, mais precisamente das esquinas. Para tal foi realizado um levantamento da documentação historiográfica referente às formas de ocupação das esquinas de parte da região central de Uberlândia. Foram realizados estudos sobre as tipologias arquitetônicas utilizadas, funções dos espaços, configuração de suas plantas e estratégia do projeto na utilização do “L” definido pela esquina. Desta forma, o trabalho resulta em uma poética da imagem da cidade garantindo ao mesmo tempo, o estudo e o direito à memória, ao reconhecimento e à valorização da identidade histórica e cultural da comunidade.

Palavras-chave: análise espacial; arquitetura moderna; esquinas

ABSTRACT

From the old village that originated it, the city of Uberlândia - located in the Triângulo Mineiro - maintains in its scenery eclectic, **modern** and contemporary architecture, configuring a diverse urban landscape. These exemplars of the history of architecture are implanted in the urban fabric in its different situations, in the center of the blocks or in the corners. The corners have junction characteristics, allow a greater perception of the space by opening the visual angle, also providing a place of meeting of the population. We can, therefore, understand the corners as a reference within the urban environment and acting directly in the recognition of the city by its inhabitants. Thus, this work is concerned with the diagnosis, documentation and analysis of the transformations and mutations of the urban landscape, more precisely of the corners. For this purpose a survey of the historiographic documentation concerning the forms of occupation of the corners of part of the central region of Uberlândia was carried out. Studies were carried out on the architectural typologies used, functions of the spaces, configuration of their plants and design strategy in the use of the "L" defined by the corner. In this way, the work results in a poetic image of the city while ensuring the study and the right to memory, recognition and appreciation of the historical and cultural identity of the community.

Keywords: spatial analysis; modern architecture; corners

OLHANDO AS ESQUINAS – a apropriação e ocupação deste elemento na área central de Uberlândia/ MG

A documentação da arquitetura da cidade tem um caráter histórico importante em face ao dinamismo que o processo de urbanização a submete.

“A memória da cidade é muito frágil pois troca continuamente; o levantamento morfológico sistemático (...) torna-se assim um documento preciso, capaz de nos restituir a memória de um determinado período. É graças a este levantamento que chegamos a descobrir algumas partes escondidas e esquecidas da cidade” (CARMASSI, 1996)¹.

Da antiga vila que a originou, a cidade de Uberlândia – situada no Triângulo Mineiro - mantém em seu cenário, obras ecléticas, modernas, e contemporâneas, configurando uma paisagem urbana diversificada. Uberlândia está situada geograficamente numa posição estratégica na região do Triângulo Mineiro. A cidade sempre manteve um discurso progressista de crescimento e modernização ressaltando os melhoramentos da infra-estrutura urbana, como esgoto, iluminação e pavimentação de ruas, e do incrementar da modernidade, da ordem e do progresso.

Uberlândia é uma cidade que nasce no local de passagem, no caminho para a exploração de ouro de Goiás. É a região do “Sertão da Farinha Podre”, ponto de encontro dos tropeiros que deixavam sacos de farinha pendurados nas árvores para quando voltassem. Essa característica lhe confere, desde o princípio, uma grande vocação comercial. Aos poucos Uberlândia foi se transformando num centro comercial expressivo, muito em função de sua posição geográfica estratégica.

A construção de Brasília no final da década de 1950 e o conseqüente deslocamento do centro do poder federal para o Planalto Central do Brasil vem definitivamente consolidar esta condição de centralidade, Uberlândia, de passagem que era, transformou-se num importante centro distribuidor de produtos: produtos industrializados vindos do Sul e Sudeste e produtos agrícolas vindos do Centro Oeste em sentido inverso. Historicamente a cidade tem seu crescimento apoiado no transporte em função do traçado da implantação da Estrada de Ferro “Mogiana”, inaugurada em 1895.

As primeiras transformações da rede urbana da cidade acontecem em 1908, com o Plano de Expansão elaborado pelo engenheiro Mellor Ferreira Amado. O plano consiste na ampliação do perímetro urbano a partir do núcleo antigo da cidade denominado Fundinho, cresce em linha reta na direção à Estação da Estrada de Ferro Mogiana, propõe criar seis avenidas, praças e ruas. Todas as avenidas iniciavam em praças e terminavam na referida estação. O traçado do Plano era cartesiano, malha xadrez formando quarteirões com ângulos de 90 graus. As avenidas são hoje denominadas: Cipriano Del Fáveto, João Pinheiro, Afonso Pena, Floriano Peixoto, Cesário Alvim e Rio Branco. (Figura 1)

¹ CARMASSI, M. Idéias sobre a cidade, a arquitetura e o urbanismo. in: *Óculum* 7/8. Campinas, FAU/PUC-Campinas, abr. 1996, p. 105.



Figura 1: Mapa região Central de Uberlândia
Fonte: Autoras

Durante o período de 1924 e 1964, verifica-se a definição econômica do município e o crescimento considerável da cidade, que atrairá uma quantidade razoável de mão de obra vinda do campo, de regiões vizinhas e até de outros Estados. Presencia-se o incremento das funções administrativas bem como a expansão dos equipamentos de uso coletivo e dos serviços liberais. A partir de 1920, além do comércio, a construção civil apresenta um crescimento relevante que se colocará como fonte primeira de riquezas. Nesta década de 1920, o centro comercial da cidade, que até aquele momento se concentrava no primeiro núcleo, começa a se deslocar em direção à nova área, nas novas avenidas, principalmente na Afonso Pena.

Na década de 1930, obras ecléticas na sua maioria, compunham o contexto urbano de Uberlândia. Em meio a esta configuração da cidade, surgem algumas edificações com novas propostas formais. Nesse período a cidade se expande, sua forma vai ser modificada, sem nenhum planejamento.

Durante a década de 1940 há a presença de profissionais com formação específica, dentre eles engenheiros e arquitetos. Esta década vai ser marcada principalmente pela intensa atividade comercial, o poder público atua para criar condições de escoamento da produção através de um sistema rodo/ferroviário.

Com a expansão da economia e o crescimento acelerado da cidade, o espaço urbano passa por um processo de grande transformação, com a ocupação das periferias. O centro da cidade com seus serviços e comércio torna-se uma grande área de consumo com abrangência de toda a região.

Na década de 1960 incentiva-se os arranha céus, para fins comerciais e residenciais. Em um jornal local encontram-se artigos que enfatizam esta afirmação: "... a cidade de Uberlândia

caminha a passos largos para as metrópoles. ”, *“Banco de Minas, da Lavoura, Ed. Rosa Maria e outros, além da CEGEB, operam o milagre de fazer a cidade crescer no sentido vertical.”*, *“Arranha-céus: Floresta de concreto na cidade”*. A esse processo de verticalização do centro, intensificado por reformas que passam a substituir as antigas edificações, pode ser somado um constante crescimento horizontal.

A cidade apresenta então, na sua morfologia, provas de diferentes períodos de construção, patentes nas diferentes linguagens arquitetônicas encontradas. Essas diversas arquiteturas estão implantadas na malha urbana em duas distintas situações, no centro dos quarteirões ou nas esquinas.

As esquinas possuem características de junção, intersecção de dois planos, definem e expressam o encontro de elementos, que podem ou não realçar as arestas da forma. Permitem uma maior percepção espacial pela abertura do ângulo visual. As esquinas podem assumir também o local de encontro da população pela forma de inserção no contexto urbano, se observarmos, são nas esquinas que estão instalados bares, mercearias e pequenas lojas de bairro, tornando-as um referencial urbano.

Por tudo isso, o interesse deste trabalho, está na documentação e análise da obra arquitetônica inserida nas esquinas da região central da cidade. Por parte central entende-se: a área compreendida entre o primeiro núcleo de formação, o Bairro Fundinho, e o centro, definido pelas seis avenidas no Plano de expansão de 1908, constituído hoje, como área comercial. O enfoque é dado precisamente em uma de suas vias mais importante – Avenida Afonso Pena. (Figura 2)

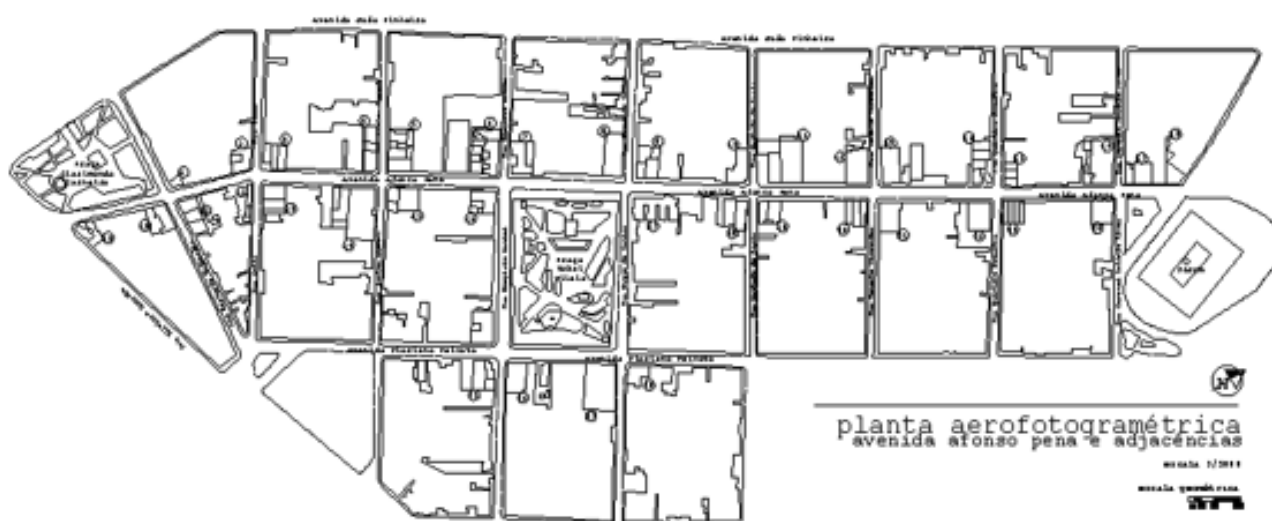


Figura 2: Mapa aerofotogramétrico da amostra da região estudada.
Fonte: Autoras

Desta forma, o trabalho analisa a relação da arquitetura das esquinas com as demais arquiteturas da cidade, estudando as tipologias arquitetônicas adotadas, os tipos de ocupação, as funções

sociais de cada espaço, a configuração de suas plantas e a qualidade da estratégia de projeto adotada na utilização do “L”, verificando, dessa forma, a adequação ou não dos edifícios de esquina à sua condição peculiar de arestas dos volumes definidos no espaço.

Preocupando-se, desta maneira, com o diagnóstico, documentação e análise da paisagem urbana, dá-se prosseguimento ao que se pode chamar de um “zoom” ou mesmo um “close” do objeto esquina. De acordo com PEIXOTO, este mesmo “close” tem a capacidade e a função de:

“ (...) isolar detalhes – rostos, objetos – do seu ambiente, forçando-nos a vê-los na sua opacidade e no seu mistério, carregados de significações imperceptíveis no tecido do cotidiano. O quadro é absolutamente preciso, mas para designar aquilo que lhe escapa, o irracional ou a manifestação do absoluto, do sagrado. Um olhar cada vez mais acurado sobre o real, para evidenciar, porém, aquilo que lhe é essencial e que, no entanto, ficará sempre inacessível: o que o mundo tem de invisível, o insondável mistério contido nos rostos e objetos.” (PEIXOTO, 1996, p.60).

É este olhar acurado que as autoras pretenderam ter sobre seu motivo de estudo². Um olhar que individualizasse sem, no entanto isolar. Um olhar capaz de conferir a seu objeto a identidade perdida. *“O espaço deixa de ser neutro para ser tomado como lugar: situado, delimitado, povoado por experiências.”* (PEIXOTO, 1996, p.160). No entanto, apesar deste aparente caráter restritivo, deve-se entender que o trabalho se deu sem jamais desconsiderar as características do entorno, utilizando-se na análise de cada esquina, as arquiteturas adjacentes como panos de fundo, tudo isso a fim de tornar suas características e elementos sempre mais claros, afinal, como Gordon CULLEN diz – *“Quando olhamos um relógio para ver as horas, vemos não somente o relógio, mas também o papel que cobre o fundo dos ponteiros, os elaborados adornos em torno dos números e até uma pequena mosca que tenha, porventura, pousado sobre o vidro”*. (CULLEN, 1974, p.09). O que se buscou, portanto, foi ver não apenas a partir de um único ponto de vista, mas de todos. De acordo com PEIXOTO, *“Uma casa pode ser vista de um certo ângulo, do outro lado do rio ou de um avião. Mas ela é geométrica de todas as perspectivas possíveis. É preciso entender como a visão pode se fazer a partir de um ponto sem ser aprisionada na sua perspectiva”*. (PEIXOTO, 1996, p. 150).

Percorrendo a amostra – a metodologia utilizada na catalogação do material

Desta forma, com intuito de estabelecer uma metodologia que guiasse o trabalho, foi elaborada uma ficha afim de esquematizar os pontos necessários à catalogação do material. (Figura 3) Informações como uso e ocupação, autoria do projeto, implantação no lote e características construtivas foram os critérios analisados.

² A pesquisa “As esquinas na área Central de Uberlândia: Documentação e análise da paisagem urbana” iniciou em 2003 como iniciação científica com apoio do CNPQ.



Projeto de Iniciação Científica PIBIC/CNPq
Orçamento de pesquisa
Identificação de uso e características arquitetônicas das esquinas da área central de Uberlândia

Ficha nº: _____ Data: ____/____/____

Identificação
 Av. _____ esquina com rua _____ nº _____

Quadrante
☐ A ☐ B ☐ C ☐ D

Uso/Ocupação
 Data: ____/____/____ Data ponto 1: ____/____/____ Data ponto 2: ____/____/____
 Autor(es): _____
 Uso: ☐ Comercial ☐ Residencial ☐ Misto
 Ocupação: ☐ Comercial ☐ Residencial ☐ Misto

estratégias de projeto
 a) Nº de pavimentos: _____
 b) Acesso: 
 c) Implantação no lote:
 c.1) Alinhamento em relação à Av. Alameda: ☐ Frontal ☐ Lateral ☐ Parcial ☐ Total
 c.2) Alinhamento em relação à rua: ☐ Frontal ☐ Lateral ☐ Parcial ☐ Total
 d) Testada: 
 e) Fechamento Frontal do Lote: ☐ Círculo abstrato ☐ Quadrado ☐ Círculo
 f) Janelas: ☐ Frontal Parcial ☐ Frontal Total ☐ Lateral ☐ Parcial ☐ Total

g) Estilo arquitetônico:
☐ Técnica Tradicional ☐ Art Deco ☐ Neoclássico ☐ Modernismo ☐ Ecletico ☐ Neoromântico ☐ Contemporâneo (pós década de 70)

h) Construção Original:
☐ Conservação integral ☐ Parcialmente descaracterizada ☐ Totalmente descaracterizada

i) Cobertura:
 (1) Tipo: ☐ Plana ☐ Telhado ☐ Telhado Aberto ☐ Telhado Fechado ☐ Telhado Aberto ☐ Telhado Fechado ☐ Telhado Aberto ☐ Telhado Fechado
 (2) Telha: ☐ Cerâmica ☐ Cimento ☐ Tijolo ☐ Outros
 (3) Montagem/Tela: ☐ Sim ☐ Não

j) Revestimento Elevação Frontal:
 (1) Tipo: ☐ Tijolo ☐ Cimento ☐ Pedra ☐ Outros
 (2) Tela: ☐ Sim ☐ Não

k) Calçada (m.1) Largura: _____

l) Valor de integração ambiental:
 (1) Tipo: ☐ Integrado ☐ Integrado ☐ Integrado ☐ Integrado
 (2) Fator de integração: ☐ Integrado ☐ Integrado ☐ Integrado ☐ Integrado
 (3) Fator de interferência: ☐ Integrado ☐ Integrado ☐ Integrado ☐ Integrado

m) Informações complementares/documentação existente:

Figura 3: Ficha do inventário

Fonte: Autoras

A primeira parte do inventário é a identificação da esquina analisada. Aqui foram transcritos dados como: endereço, autor do projeto, algumas datas relevantes e um quadrante esquemático que procura localizar a esquina em um dos quatro lados do cruzamento. A parte que vem a seguir é a referente ao uso e ocupação. Nesta são coletados dados relacionados ao tipo de uso da edificação – comercial, residencial ou misto – e à forma de ocupação, esquematizada em gráficos que trazem modelos simplificados de possíveis implantações. A terceira fase do inventário, por sua vez, trata das estratégias de projeto adotadas, estando dividida em dez itens distintos: número de pavimentos, implantação no lote, testada, fechamento frontal, estilo arquitetônico, dados da construção original, cobertura, revestimento da elevação frontal, calçada e valor de integração ambiental.

As duas últimas fases do inventário tratam, respectivamente, das informações complementares – documentos já existentes que tratam do assunto – e do levantamento iconográfico – fotos antigas coletadas em arquivos da cidade e fotos recentes que priorizam as três vistas essenciais para a análise – vista frontal (ângulo 1), vista lateral direita (ângulo 2) e vista lateral esquerda (ângulo 3).

O inventário reúne características da esquina em diferentes momentos, abordando-a sob dois olhares distintos: o primeiro sobre o presente e o segundo sobre o passado da edificação identificando suas transformações.

Para tanto, fez-se uso de um material iconográfico bastante rico, principalmente no que se refere às fotos de época. Nestas, foi possível encontrar uma Uberlândia completamente diversa da hoje existente. Esquinas antes ocupadas por pequenas e graciosas arquiteturas, são hoje, imponentes e grandiosos edifícios verticalizados. Estes espaços urbanos – ruas, praças - que permanecem com a mesma configuração, mas com uma volumetria construída completamente alterada, provam que:

“A paisagem não tem nada de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam em ritmo e intensidade variadas. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que

se transformam para se adaptar às novas necessidades da sociedade". (Milton Santos citado por MACEDO, 1987, p.17).

Te encontro na esquina – uma análise da amostra selecionada

*"Se alguém perguntar por mim,
diz que fui por aí, levando um violão
debaixo do braço.
Em qualquer esquina, eu paro.
Em qualquer botequim, eu entro.
Se houver motivo,
é mais um samba que eu faço."*
(Zé Keiti e H. Rocha, 1964)

Foram analisadas ao todo, 44 esquinas da área central de Uberlândia, que com uma sucessão de imagens recriou o perfil da cidade em diferentes momentos e épocas. Aqui apresentaremos as análises que correspondem as esquinas circundantes ao perímetro da Praça Tubal Vilela³ (Figura 4) – os estudos realizados sobre o moderno Edifício Tubal Vilela (esquina 17)⁴; o edifício do Hotel Presidente (esquina 22) e o edifício da loja de departamentos Riachuelo (esquina 26).

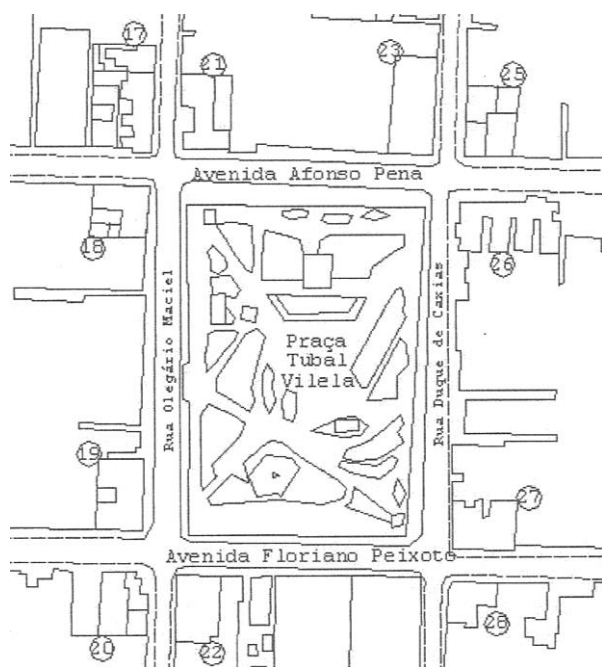


Figura 4: Mapa de implantação das esquinas situadas no entorno da Praça Tubal Vilela
Fonte: Autoras

Na esquina denominada de 17, encontramos o Edifício Tubal Vilela⁵ – projetado pelo arquiteto Ulpiano Muniz, em 1956 - é um exemplo que ilustra bem esta afirmação. A esquina conformada no cruzamento da Avenida Afonso Pena com a Rua Olegário Maciel era antes, um pequeno posto

³ A Praça Tubal Vilela foi projetada pelo arquiteto João Jorge Coury entre os anos de 1958/62, e “materializou novos conceitos para espaços públicos”. (GUERRA, 1998).

⁴ As numerações das Esquinas seguem uma distribuição estabelecida pela sequência das mesmas, conforme apresentado no mapa da figura 2.

⁵ Edifício Tubal Vilela, de propriedade da Imobiliária Tubal Vilela, foi projetado em 1956 pelo arquiteto belorizontino Ulpiano N. Muniz e construído pela firma paulista Morse Bierrenbach.

de gasolina com traços ecléticos. Na figura 5, é possível perceber sua relação com o entorno e seu interessante diálogo mantido com a esquina. A fachada principal volta-se para o ângulo das duas vias que se cruzam, como se olhasse para a Praça à sua frente. É uma arquitetura feita especialmente para o lugar em que se encontra. Suas duas janelas do pavimento superior são como dois grandes olhos que observam, atentamente, o movimento e as conversas que surgiam nas “chacrinhas” de esquina. Seu térreo – um espaço livre ritmado apenas por duas colunas frontais. Uma esquina que não é apenas um vértice reto e pontiagudo - um obstáculo de passagem – mas sim um chamariz, um convite para o desfrute visual; e, quem sabe, até mesmo para a estadia e conversa entre os “compadres” que no posto se encontravam ao levarem seus automóveis.

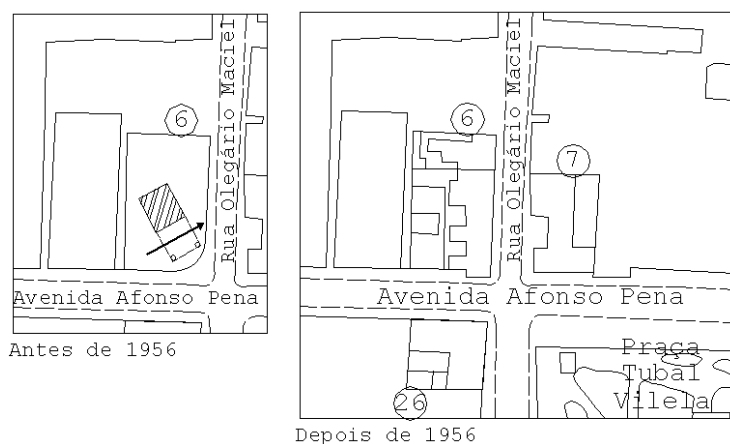


Figura 5: Mapa da esquina no cruzamento da rua Olegário Maciel com a Av. Afonso Pena, antes e depois do ano de 1956. Fonte: Autoras

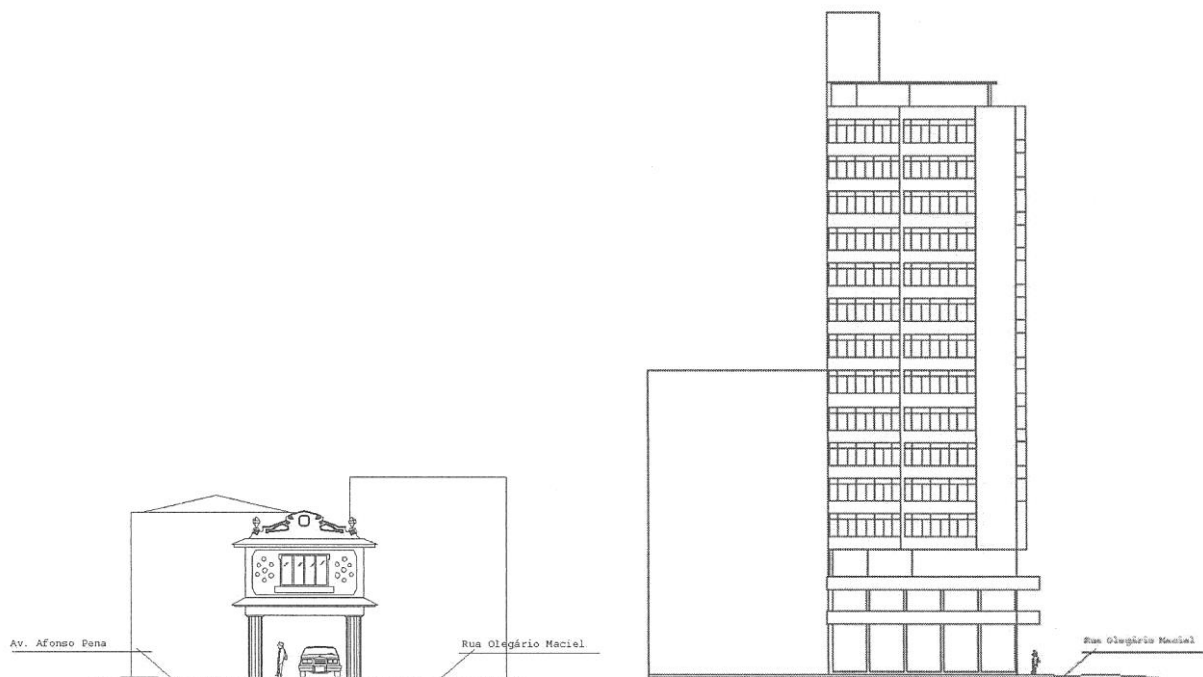


Figura 6: Vista das edificações da esquina 17, entre a Av. Afonso Pena e Rua Olegário Maciel, antes e depois de 1956
Fonte: Autoras

No entanto, passaram-se os anos e, com eles, a cidade foi crescendo. Os pequenos postos de gasolina - dispostos nas avenidas Afonso Pena e Floriano Peixoto - que antes, conduziam à Estação Mogiana, perdem sua função quando esta última é desativada. Assim, no final da década de 1950, no lugar da antiga edificação eclética é erguido o Edifício Tubal Vilela (Figuras 6 e 7). A substituição do posto pelo arranha céu resulta numa completa transformação da paisagem urbana, comprovando a tendência à verticalização generalizada das cidades brasileiras.

“Todos nós temos bastante experiência de contínuas transformações, desde que o homem apareceu sobre a terra as transformações da natureza se acresceram àquelas produzidas pelas atividades do homem. Há já um século, e especialmente nas últimas décadas, as transformações foram tão rápidas, e também tão extensas, que se tornou extremamente difícil segui-las e compreendê-las”. (Magnoli citada por MACEDO, 1987, p.17).



Figura 7: Foto da esquina 17, entre a Av. Afonso Pena e Rua Olegário Maciel, antes e depois de 1956
Fonte: CEDHIS/UFU

O edifício de apartamentos, com uma linguagem da arquitetura moderna, torna-se um novo referencial na paisagem e quebra, num primeiro momento, o antigo equilíbrio do perfil volumétrico existente no entorno. O prédio impõe uma marcante presença, dispondo-se ao lado de outras arquiteturas com gabaritos menores. É a nova paisagem, com o seu novo elemento que se consolida, substituindo a estrutura anterior.

O edifício Tubal Vilela introduz no espaço urbano, uma nova relação com a esquina, seu vértice reto e cartesiano rasga a calçada, onde antes os pedestres passavam com tanta fluidez (Figura 8). No pavimento térreo do prédio é colocado um Bar – Lanchonete que, em seus primeiros anos, se conforma como ponto de encontro da população. Esta característica demonstra a qualidade das esquinas como ambientes sócio espaciais expressivos, pontos de contínuo movimento

centrípeto por sua forte ligação com a rua – graças à abertura do ângulo visual pode-se, com facilidade, ver de fora o que se passa dentro e, de dentro o que ou quem passa por fora. Dessa maneira, o edifício Tubal Vilela marca não apenas a paisagem exclusiva da avenida Afonso Pena, mas a da cidade de Uberlândia como um todo. Aos poucos, as edificações adjacentes ao prédio vão também sendo substituídas por arquiteturas de gabaritos expressivamente maiores, harmonizando o edifício com seu entorno, antes tão díspare. No final da década de 1970, uma nova paisagem vai se delineando e, o Tubal Vilela se dissolve mais em seu entorno, o edifício vai se apagando a medida que outros arranha céus vão sendo construídos ao seu redor – *“Os novos volumes, quando aglomerados, deixam de ser tão robustos e fundem-se com outros elementos componentes do entorno.”* (MACEDO, 1987, p.33).

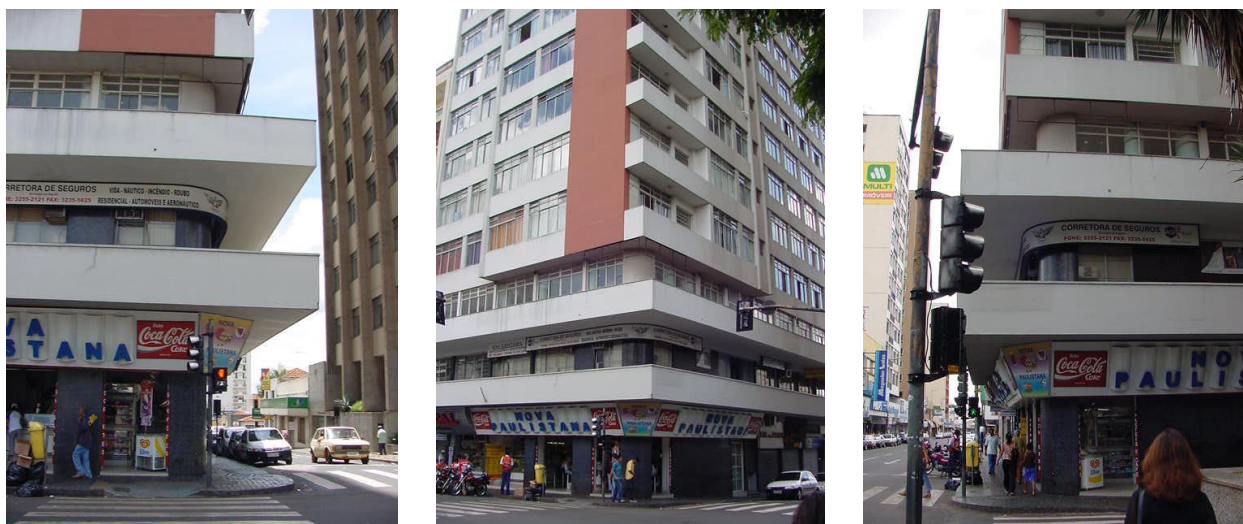


Figura 8: Fotos em 3 ângulos do Edifício Tubal Vilela
Fonte: Arquivo pessoal das autoras

O projeto do Edifício Tubal Vilela propõe um uso misto – no térreo, primeiro e segundo pavimentos encontram-se unidades comerciais, sendo os demais pavimentos ocupados por apartamentos residenciais. Nestes últimos, sacadas são projetadas para o exterior do edifício que se abre para a praça, acompanhando a volumetria das marquises existentes nos pavimentos inferiores. Estas marquises, por sua vez, criam uma nova relação com a rua, que embora volumetricamente diferente da configurada pelo antigo posto de gasolina, estabelece um diálogo semelhante ao deste, criando um ambiente aprazível para o pedestre, que enxerga nele um espaço favorável à sua apropriação.

O edifício do Hotel Presidente (FIGURA 9) – projetado e também construído pela firma Morse & Bierrenbach em 1960 – como o edifício Tubal Vilela vem substituir o espaço de um posto de combustível. Mas, diferentemente da inserção que o primeiro posto apresentava este estava voltado mais precisamente só para a praça. O Hotel ao contrário enfatiza a esquina inserindo sua entrada principal para o chanfro do encontro da Rua Olegário Maciel com a avenida Floriano Peixoto, como uma boca a chamar tanto quem vem por uma rua como pela outra. Seu salão com pé-direito 1½ propõe um bar que dialoga com o espaço interno do hotel e com a calçada. O

primeiro pavimento contém um restaurante que por grandes janelas vê a praça e olha resabiado para a outra rua. A estrutura independente com colunas externas e marcantes dão um maior sentido de verticalidade aos dois primeiros pavimentos. Observa-se que houve uma alteração entre a proposta original do projeto, sua construção e o estado do edifício em 2017. O bar já não mais existe e as esbelteza das colunas viraram pilares salientes à fachada.

Os pavimentos tipo superiores (2º ao 11º pav.) abrigam os quartos dos hospedes e ocupam o alinhamento das duas ruas configurando o “L” em 90º da esquina e determinando o prisma geométrico. Da mesma maneira que o edifício Tubal Vilela, o Hotel Presidente modificou volumetricamente a paisagem urbana, mas seu diálogo com a esquina acontece mais ao rés do chão.

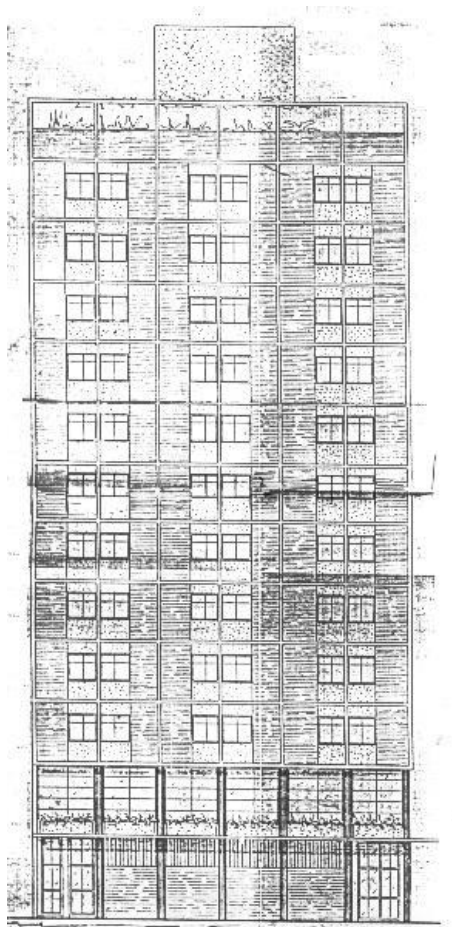


Figura 9: Hotel Presidente – Vista para a Praça /Desenho original (1960) – Foto 2017
Fonte: Arquivo Geral PMU – Foto autoras

Outras alterações nas esquinas de Uberlândia aconteceram ao longo dos anos; edifícios antes de grande expressão na paisagem foram reduzidos a não arquiteturas – espaços vazios e murados - graças à demolições ou mudanças extremamente radicais, e que agora no início do século XXI apresentam edificações comerciais que não reconhecem o sítio onde estão implantadas como ponto de encontro. É o caso dos edifícios de três grandes lojas de departamento que compõem as outras esquinas do entorno da praça Tubal Vilela.

*“É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
da dura poesia concreta de suas esquinas
da deselegância discreta de suas meninas (...)”
(Sampa, Caetano Veloso)*

Na análise da esquina que encontra-se no cruzamento da Av. Afonso Pena com a rua Duque de Caxias, o espaço hoje ocupado pela loja de departamentos Riachuelo era, antes o Hotel Colombo. Este assumia, em tempos passados, um dos pontos mais frequentados da cidade. Para além de suas sacadas generosas, olhando para a esquina, este edifício guardava em si, toda uma relação social. Por tudo isto, não é de se estranhar que o Hotel permaneça na memória dos mais idosos da cidade.

“Descobrimos que os primeiros informantes, em particular os mais velhos, se dedicavam a uma estranha prática arqueológica. Nas andanças que faziam conosco iam plotando no terreno toda uma arquitetura imaginária. Evocavam muros, soleiras e casarões que não existem mais. Exercitavam a memória em exercícios nostálgicos de inventariação dos teres e haveres coletivos de antigamente. Manifestavam um saber que não encontra mais vestígios onde apoiar-se. Os edifícios foram demolidos e as ruas desfeitas. Asfalto e concreto soterravam soleiras e quintais.” (SANTOS, 1981, p.30)

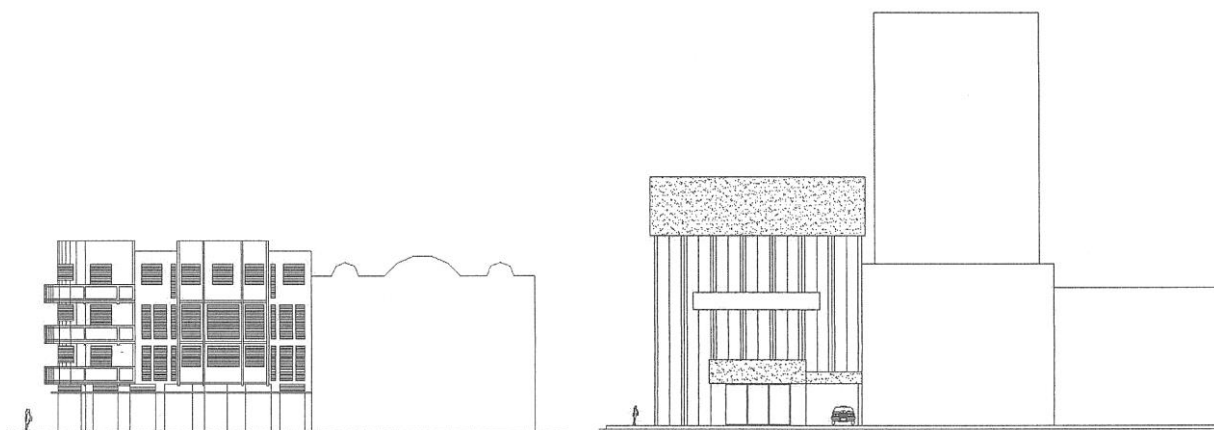


Figura 10: Vista da esquina do entroncamento entre a av. Afonso Pena e rua Duque de Caxias – com o Hotel Colombo e com a Loja Riachuelo
Fonte: autoras

Junto ao solo, no pavimento térreo, o Hotel Colombo oferecia aos transeuntes uma linha de lojas comerciais voltadas para a calçada. No entanto, com a presença dessa nova loja de departamentos, os significados assumidos por esta esquina passaram por uma mudança que segue a proporção assumida pela nova atividade, que mesmo mantendo a função de comércio possui conceitualmente uma abordagem distinta, mais voltada para seu espaço interior e distanciando da rua. A arquitetura antes mais convidativa dá lugar à implantação de uma caixa de concreto que nega qualquer tipo de diálogo com seu entorno – um muro, que poderia ter pousado em qualquer outro lugar, outra esquina e, até outro lote, mesmo estando este, ao meio do quarteirão. Não há a preocupação do diálogo, da resposta a um ambiente que já existia. Não há o

cuidado com a proporção humana, com a sombra na calçada, enfim com o ator da cena urbana que perde um de seus palcos citadinos. A cenografia da paisagem se empobrece e perde, aos poucos, sua dinâmica. O ator não tem mais onde atuar... Talvez para tentar amenizar o quanto a loja não reconhecia a esquina, a caixa atualmente recebeu alguns adornos, como apliques, em alumínio e inseriram uma marquise para proteção da chuva e do sol para os pedestres, mas no nível do solo o “L” em 90º do muro mantém a mesma agressão.



Figura 11: Foto da esquina do entroncamento entre a av. Afonso Pena e rua Duque de Caxias – O Hotel Colombo – a loja Riachuelo em 2003 – a loja Riachuelo em 2017

Fonte: autoras

O que resta destas transformações - o muro - é uma barreira não somente física, mas também visual, estando a imensa profusão de *outdoors* contribuindo com esta situação. Assim, não existe mais nestas edificações o diálogo entre a esquina e a cidade - a esquina, antes um referencial urbano transforma-se em apenas mais um ponto de passagem como outro qualquer.

“(...) esta opacidade, em que o muro de concreto dos prédios se assemelha ao chão de pedra das calçadas e o fosco das superfícies refletoras impedem qualquer transparência. Surge do convívio com coisas que se recusam a partir, intumescidas, amorfas, amontoando-se umas sobre as outras.”(PEIXOTO, 1996, P.149).

É esse muro que se vê no entroncamento da Rua Duque de Caxias com a Av. Floriano Peixoto, dois edifícios de atividade comercial⁶ - Chams e C&A (FIGURA 12) - ambos renegando completamente a esquina. Os nichos como que esquecidos, ou como sobra mostram o descaso do projeto com a cidade. No entanto, destaca-se o nicho criado pela subtração de massa do prisma do Ed. Chams, que inicialmente era uma jardineira, depois para não permitir o uso do espaço pelos moradores de rua recebeu uma grade, hoje, quase como um útero, se tornou um local onde se pode sentar ou deitar.

⁶ O edifício Chams foi construído da década de 1990 e o Edifício da C&A foi edificado no ano de 2015 em um terreno vago, usado para estacionamento.

O edifício Chams possui um embasamento onde está instalada as Lojas Americanas e nos pavimentos superiores são escritórios. Inicialmente o projeto da torre era para apartamentos mas o mercado imobiliário recebeu melhor os escritórios. Cabe destacar a importância da torre como marco urbano. Em uma enquete organizada pela FAUeD, nos anos de 1990, na praça Tubal Vilela, para indagar a população qual edifício ela reconhecia como referência na paisagem da cidade de Uberlândia, o edifício Chams foi o mais votado. Talvez isso se deva a sua verticalidade como torre de base circular ou pelo seu material de revestimento – vidro espelhado.



Figura 12: Esquinas da rua Duque de Caxias com Av. Floriano Peixoto, ano 2017. Edifícios da Loja C&A e Lojas Americanas.

Fonte: autoras

Os outros edifícios que compõem as esquinas no entorno da praça Tubal Vilela foram conservados em sua volumetria inicial mas, no entanto, vêm sofrendo uma série de descaracterizações ao longo dos anos. Na maioria das vezes isso é decorrente das atividades comerciais que se instalam nas esquinas, trazendo consigo toda a apelação mercadológica usual. É fato que as atividades acabam por escolher seus espaços e, nada melhor que um edifício de esquina, com duas fachadas principais para demonstrar o marketing e a publicidade requeridos pelos comerciantes.

Conclusão

No decorrer do trabalho observou-se que o Centro da cidade de Uberlândia possui um adensamento que resulta em matizes mais saturadas e nódulos expressivos da confluência de muitos contatos – estes nódulos de saturação são, em muitos momentos, representados pelas esquinas – elementos que podem ser destacados como palcos na paisagem urbana, pontos de encontro.

Uma caminhada, mesmo um pouco mais longa, é atenuada pelas muitas quebras e descontinuidades proporcionadas pelo espaço, quer na sua dimensão física, quer na sua dimensão social. Durante a sua caminhada, numa cidade de malha xadrez, as pessoas vão se deparando com inúmeras esquinas para dobrar, e neste momento o pedestre encontra uma pausa

– às vezes curta, às vezes longa. Aqui, na esquina, as pessoas param e, mesmo que inconscientemente, observam seu caminho, decidem o rumo que querem tomar. Podem também, ao se depararem com um bar ou outro estabelecimento do gênero, entrarem e, prolongando sua pausa, sentarem para um refresco, um lanche, uma conversa. Neste sentido a esquina promove o encontro sistemático das pessoas e dos grupos, em função da maneira pela qual partilham, numa configuração espacial precisa, a multiplicidade de meios que viabilizam a vida cotidiana, de dúvida ou de surpresas na sua dobra.

Assim, a esquina está sempre promovendo o encontro de desconhecidos e, estes encontros acabam por serem traduzidos em atos públicos. No entanto foram constatadas inúmeras transformações físicas nas esquinas estudadas tendo elas se dado em quatro dimensões distintas – volume, tipologia, estratégia de projeto adotada e também sob a forma de máscaras que, impostas à arquitetura conferiram a ela, nova feição. Além disso, pode-se afirmar que essas modificações se deram, ora de forma positiva e coerente – como no caso do ed. Tubal Vilela, ora de maneira descomprometida e de valores duvidosos.

Quantos de nós, já não marcaram um encontro em alguma esquina? Os vértices dos quarteirões são inegáveis marcos na paisagem, responsáveis por conferir a necessária e, imprescindível legibilidade do tecido urbano – facilitam a leitura que fazemos da cidade, nos ajudam a desvendar em seus lugares, as histórias ali deixadas, as vidas por ali passaram. Contudo, é preciso que se tenha tempo para se poder ler.

Por fim, tem-se que o presente trabalho contribui para uma poética da imagem da cidade, conferindo ao tema urbano “Esquina” um teor conceitual tripartido em historiográfico – sociológico – cultural; sendo portanto, produto de uma ação que favorece a preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico de Uberlândia, garantindo, ao mesmo tempo, o estudo e o direito à memória, ao reconhecimento e à valorização da identidade histórica e cultural da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARMASSI, M. Idéias sobre a cidade, a arquitetura e o urbanismo. in: **Óculum** 7/8. Campinas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, abr. 1996, p. 104-111.
- CULLEN, Gordon. **El Paisaje Urbano**: tratado de estética urbanística. Barcelona: Blume- Labor, 1974.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- FILHO, Nestor Goulart Reis. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FRAMPTON, K.. **História Crítica da arquitetura moderna**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- GUERRA, M.E. **As praças modernas de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro**. São Carlos: EESC-USP, 1998.
- KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Ed. UNB, 1996.
- LASSANCE, Guilherme; Varella, P.; CAPILLÉ, C. C. **Rio Metropolitano**: Guia para uma arquitetura. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2012.
- LAURENTIZ, L. Olhando as arquiteturas do Cerrado. **Projeto Design**, São Paulo, n. 163, p. 75-91, maio 1993.
- LEMO, C.A.C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MACEDO, Sílvio Soares. **Higienópolis e Arredores**: processo de mutação da paisagem urbana. São Paulo: EDUSP/Pini, 1987.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: SENAC, 1996.

RIBEIRO, Patricia P.A. **A difusão da arquitetura moderna em Minas: o arquiteto João Jorge Coury em Uberlândia**. São Carlos: EESC-USP, 1998.

RIBEIRO, Patricia P.A., GUERRA, M.E. João Jorge Coury, um moderno no Triângulo Mineiro. **Projeto Design**, São Paulo, n.163, p. 78-79, maio 1993.

RIO, VICENTE DEL (org.). **Percepção Ambiental**: A experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

_____(org.). **Arquitetura: Pesquisa & Projeto**. São Paulo: Pró Editores, 1998.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos (cord). **Quando a Rua vira Casa**. Rio de Janeiro: Pro Editores, 1981.

_____, Carlos Nelson Ferreira dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: EDUFF, 1988.